



Novos dados sobre a pré-história recente do concelho de Penafiel: a intervenção arqueológica no Rua do Crasto, em Abragão

JOÃO SILVA¹
NUNO GOMES²
HERNÂNI LAMEGO³

1 Arqueólogo.

2 Arqueólogo. Civitas Arqueologia, Lda.

3 Arqueólogo. Civitas Arqueologia, Lda.

RESUMO

O presente artigo dá a conhecer os achados arqueológicos resultantes dos trabalhos realizados no âmbito da execução de um projeto de construção na Rua do Crasto, na freguesia de Abragão, Penafiel. Através da realização de sondagens arqueológicas foi possível identificar vestígios que sugerem uma ocupação associada à pré-história recente. Algum do espólio cerâmico encontrado apresenta características idênticas à cerâmica de tipo Penha, encontrada em locais de cronologia semelhante. Este artigo, à semelhança do relatório final entregue à Direção-Geral do Património Cultural, visa expor o que poderá ser uma das primeiras arquiteturas da pré-história recente do concelho de Penafiel.

PALAVRAS-CHAVE

Sondagens arqueológicas; Penafiel; calcolítico; pré-história recente.

ABSTRACT

This article addresses the archaeological finds resulting from fieldwork carried out as part of a construction project at Rua do Crasto, Abragão, Penafiel. Through the carrying out of archaeological surveys it was possible to identify evidence that suggests a pre-historic occupation. Some of the artefacts possess characteristics similar to the Penha ceramics found in sites of identical chronologies. This article, like the Final Report delivered to the Direção-Geral do Património Cultural, aims to expose what could be one of the first architectures of recent pre-history in Penafiel.

KEYWORDS

Archaeological surveys; Penafiel; chalcolithic; recent prehistory.

Introdução

O presente artigo refere-se à intervenção arqueológica realizada no âmbito da legalização do projeto de construção levado a cabo na Rua do Crasto, freguesia de Abragão, concelho de Penafiel, através da realização de sondagens (20m²) e consequente alargamento (30m²).

A realização das sondagens arqueológicas surge do incumprimento do officio de condicionamento da Divisão de Gestão Urbanística da Câmara Municipal de Penafiel (2021), sob a forma de medida minimizadora do impacto do projeto de construção, onde era mencionada a necessidade de realização de trabalhos de acompanhamento arqueológico por um arqueólogo devidamente autorizado para o efeito.

Com esta medida pretendeu-se perceber o potencial estratigráfico e arqueológico, que poderá ter sido afetado durante os trabalhos de construção da obra em incumprimento. De referir também que, durante os trabalhos de arqueologia, o edifício construído já se encontrava a ser habitado.

Estes trabalhos foram adjudicados à Civitas Arqueologia, Lda., e decorreram entre os dias 26 de abril e 17 de junho de 2021, sob corresponsabilidade científica do Dr. Hernâni Lamego, do Dr. Nuno Gomes e do Dr. João Silva.

1. Enquadramento geográfico

A área do empreendimento intervencionado localiza-se na Rua do Crasto (ainda sem número de polícia), freguesia de Abragão, concelho de Penafiel, que se integra administrativamente no distrito do Porto.

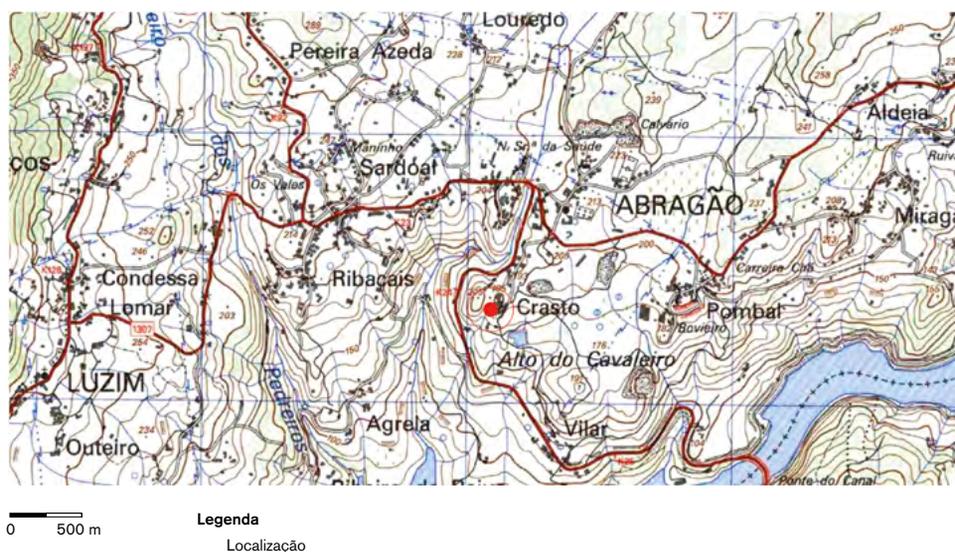


Figura 1. Localização cartográfica do projeto (excerto da folha n.º 112) (CIGeoE, 2012).



Figura 2. Ortofotografia da localização do projeto.

2. Trabalhos realizados

Os trabalhos realizados na Rua do Crasto compreenderam a realização de cinco sondagens em torno da área do edifício implantado e, posteriormente, o alargamento de duas delas (sondagens 1 e 4), devido aos achados arqueológicos aqui identificados.

2.1. Sondagens

Numa primeira fase, e como acima mencionado, foram realizadas cinco sondagens arqueológicas, implantadas estrategicamente na área intervencionada, que perfizeram um total de 20m², distribuídas da seguinte forma: duas sondagens de 2x2m e três de 4m², em forma de “L”, envolvendo a construção existente. De ressaltar que a sondagem 1, previamente marcada no projeto, foi efetuada numa outra zona, devido à presença de um nível de brita com cerca de 1m de profundidade. Optámos por deixar a marcação destes 4m² para último, o que permitiu aumentar a caracterização dos níveis arqueológicos encontrados no local.

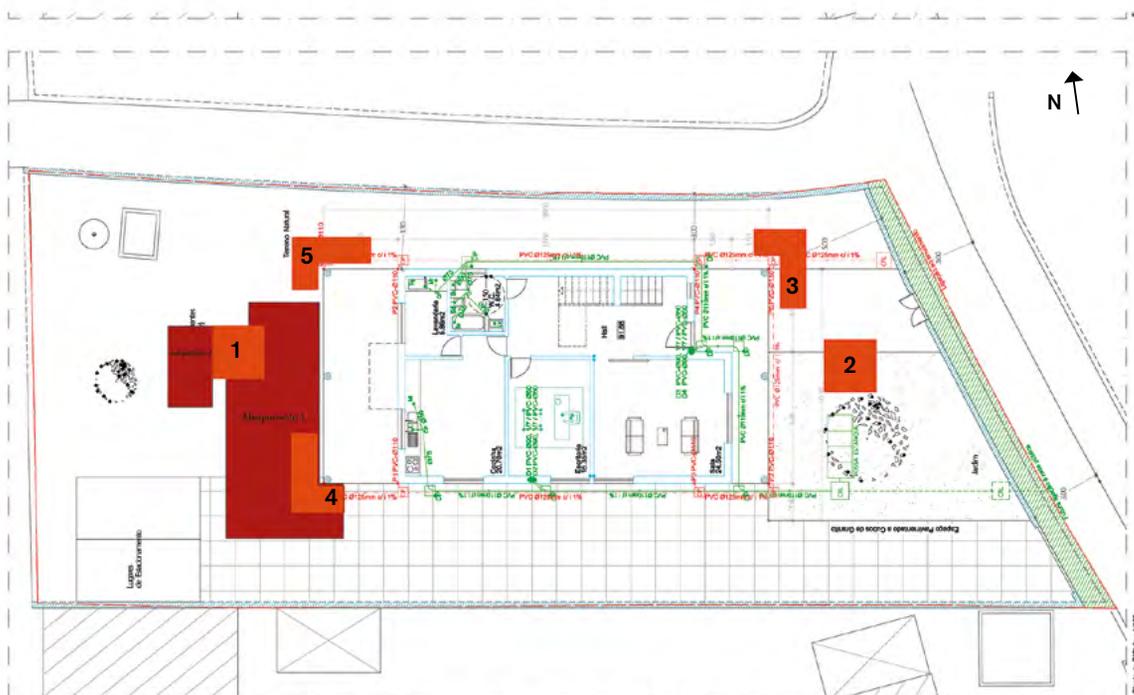


Figura 3. Localização das sondagens e respetivos alargamentos (assinalados a vermelho).

Desta intervenção resultou a identificação, e conseqüente registo, de algumas estruturas pétreas e fragmentos cerâmicos, ambos associados a cronologias da pré-história recente, período ainda desconhecido na região¹.

Os trabalhos arqueológicos efetuados nas sondagens 2, 3 e 5 revelaram níveis de aterro contemporâneos, possivelmente associados à construção do edifício atual. Porém, a presença de uma elevada componente orgânica, representada por intrusões de raízes de tamanho considerável, levou-nos a crer que a área de implantação deste terreno não terá sido totalmente afetada pela empreitada. De referir também, e em particular na sondagem 3 (U.E. [303]), a identificação de algumas interfaces escavadas no substrato geológico, de diversas morfologias, que poderão ou não estar associadas à ocupação pré-histórica do local. A ausência de materiais no interior destas interfaces, associada à já referida elevada presença de raízes (que, por sua vez, poderá ter alterado os contornos originais destes negativos), dificulta a confirmação desta problemática.

Relativamente às sondagens 1 e 4, foram detetados fragmentos cerâmicos associados a cronologias pré-históricas, em particular à Idade do Bronze e ao Calcolítico, em depósitos de terra algo homogénea. O desenvolvimento dos trabalhos arqueológicos permitiu perceber que os materiais referidos se sobrepunham a vários conjuntos

¹ Informação dada pelos representantes do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Penafiel, em reunião no local.

pétreos (nomeadamente, na U.E. [105] e U.E [106], na primeira sondagem, e na U.E. [403], na quarta), que surgem em níveis aparentemente selados.

Tais conjuntos poderão corresponder a uma única estrutura de dimensões consideráveis ou, talvez, ao seu contraforte, ainda que tal não seja possível de afirmar com certeza.

Estas duas sondagens situam-se na zona oeste do terreno onde se encontra implantada a casa, não tendo sofrido grande afetação no momento de edificação do projeto, facto que terá, certamente, contribuído para a preservação das estruturas identificadas. Como tal, procedeu-se ao alargamento destas duas sondagens.

2.2. Alargamento

Face aos resultados obtidos nas sondagens arqueológicas, especialmente na zona oeste do terreno, foi acordada, juntamente com os órgãos da Direção Regional de Cultura do Norte e o Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Penafiel, a realização do alargamento das sondagens 1 e 4. Para tal optou-se por um alargamento para a zona sul e norte da sondagem 4, assim como um outro alargamento a oeste da sondagem 1, unindo-as espacialmente.

Em termos metodológicos, e com o intuito de dar continuidade ao trabalho efetuado nas sondagens 1 e 4, optou-se por equiparar as unidades estratigráficas identificadas com as unidades já atribuídas na sondagem 1, sendo esta a que melhor representaria o espaço em toda a sua linha estratigráfica.

Considerando as estruturas detetadas nos alargamentos, assim como o espólio associado aos depósitos que as cobrem, e tendo em conta que ambos deram seguimento aos achados identificados nas respetivas sondagens, é possível afirmar que estamos perante um sítio da pré-história recente, cronologicamente situado entre o Calcolítico e a Idade do Bronze. Esta baliza cronológica, tal como se mencionou anteriormente, é ainda um período amplamente desconhecido na região de Penafiel.

Estratigraficamente, da U.E. [100] foram essencialmente recolhidos alguns elementos de cerâmica vidrada e faianças contemporâneas. Na U.E. [101] foram detetados alguns fragmentos cerâmicos normalmente associados a uma cronologia pré-histórica, ainda que acompanhados por outros materiais, igualmente cerâmicos, modernos e contemporâneos. Já na U.E. [102], foram identificados elementos cerâmicos e líticos de períodos mais antigos.

A cerâmica aqui identificada é composta por uma pasta de coloração escura e desgordurantes grosseiros de médias dimensões, e apresenta, ainda, motivos geométricos realizados de forma incisa. Relativamente ao espólio lítico, tipologicamente, destacam-se as lascas sobre quartzo, sendo esta a matéria-prima predominante no local. Foram ainda contabilizados dois potenciais termoclastos, um percutor, algumas raspadeiras e alguns micrólitos, todos produzidos sobre quartzo, existindo apenas um único fragmento de seixo sobre quartzito. Infelizmente, neste momento só nos é possível fazer uma



Figuras 6 e 7. Fragmentos cerâmicos recolhidos durante os trabalhos arqueológicos.



Figura 8. Artefactos líticos sobre quartzo recolhidos durante os trabalhos arqueológicos.



Figura 9. Remontagem de fragmentos cerâmicos recolhidos numa estrutura negativa.

análise genérica destes materiais, pelo que necessitam de um estudo mais aprofundado com vista a dar resposta a questões sociais e económicas sobre as comunidades que, no passado, frequentaram a Rua do Crasto e que aqui deixaram a sua marca.

De salientar ainda a presença de uma remontagem de cinco fragmentos cerâmicos, desta vez sem decoração, que apresentavam uma coloração escura, típica de uma cozedura em ambiente redutor, provenientes da estrutura em negativo (U.E. [110]) descoberta na zona mais a sul do alargamento. Todos estes fragmentos apareceram ligeiramente afastados entre pedras de reduzidas dimensões, sem conexão, no depósito que enchia esta possível fossa. Esta é a única remontagem identificada no local.

Outro elemento de destaque é um artefacto metálico (cuja liga ainda é desconhecida) de morfologia alongada. Atualmente, esta peça encontra-se submetida a trabalhos de estabilização e análise no Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, em Braga.

Ainda que o desenvolvimento dos trabalhos tenha revelado o elevado grau de preservação do sítio arqueológico, a identificação de um corte significativo (U.E. [108]) numa zona onde a U.E. [101] cobre o nível geológico (situado mais a norte) sugere que este terá sido alvo de afetações de origem mecânica, anteriores à construção do edifício atual. Tal afetação poderá ter decorrido, possivelmente, de uma fase em que os terrenos envolventes terão sido loteados, de modo a que aí fossem implantados socalcos que permitissem a sua ocupação. Aliás, os resultados obtidos nas sondagens comprovam precisamente esta situação, visto que as zonas mais a norte na encosta, isto é, as zonas mais elevadas, terão sido bastante mais afetadas durante a nivelção do terreno, podendo até mesmo ter destruído eventuais vestígios arqueológicos. Consequentemente, os resultados mais significativos encontram-se na vertente mais a sul.

Os trabalhos de arqueologia puseram ainda a descoberto a estrutura pétreo previamente identificada, bem como um buraco de poste, com elementos pétreos no seu interior, que foram interpretados como calços do respetivo poste.

No interior desta estrutura em negativo surgem alguns elementos líticos e um fragmento cerâmico, que apontam para uma cronologia pré-histórica. Esta estrutura encontra-se coberta pela U.E. [102], que, embora seja cortada por uma interface moderna (U.E. [111]), corresponde a um nível selado, pelo que é possível afirmar que estamos perante um conjunto de elementos bastante preservados.



Figura 10. Buraco de poste.



Figura 11. Plano final.

3. A monumentalização da paisagem e o sítio arqueológico da Rua do Crasto

Tendo em conta a realidade arqueológica existente na Rua do Crasto, exposta através da realização de sondagens e, subsequentemente, do alargamento, associada à própria localização topográfica e geográfica do local, pensámo-nos estar perante uma possível colina monumentalizada.

Utilizámos este conceito, que veio abrir o leque interpretativo de alguns destes sítios da pré-história recente, seguindo o definido por Vale “para designar espaços de reunião, e abrir o espaço a uma grande diversidade de atividades, com o objetivo de conectar o sítio construído com a colina/local de implantação e a paisagem, e de acentuar as práticas de monumentalização da paisagem durante o III milénio AC, sublinhando os processos de apropriação efetiva dos territórios habitados pela construção e uso de arquiteturas complexas, coletivas e visualmente dominantes” (Vale, 2019, p. 334), que se caracterizam “pela existência de estruturas de base pétreas (designados por muros, muretes ou muralhas), de tendência circular [com exceções, como Porto das Carretas (Soares, 2013) ou Pedra do Ouro (Sangmeister e Schubart, 1970)] que delimitam espaços genericamente concêntricos” (Vale, 2019, p. 331).

Estas colinas são também conhecidas como recintos murados, ainda que esta definição limite um pouco a imaginação e a sua interpretação.

À semelhança do que acontece noutras arquiteturas da pré-história recente, que se encontram em zonas de especial visibilidade e não necessariamente no cume dos montes mais acentuados, o sítio arqueológico aqui apresentado encontra-se num pequeno promontório, neste caso, no sopé sul do alto da Rua do Crasto. Assim, e de acordo com Vale, estas arquiteturas “localizam-se em sítios proeminentes na paisagem, com amplo alcance visual e podem ser vistos de longas distâncias (no entanto, a amplitude visual destes sítios é distinta [...])” (Vale, 2019, p. 332).

A monumentalidade do sítio destacou-se através da realização de uma pequena prospeção no terreno contíguo à Rua do Crasto para oeste (na direção do vale do Tâmega), que confirmou o seu controlo sobre a paisagem em largos quilómetros, e veio destacar a relação direta com dois cursos de água: o rio Tâmega e um pequeno curso no sopé da zona de Crasto.

Nestes locais, com ocupações genéricas balizadas entre o III e o II milénio a.C., é sempre difícil atingir um consenso interpretativo. Um dos melhores exemplos de vários anos de estudo e de vários patamares interpretativos ao longo dos anos será o de Castelo Velho, que, para a coordenadora do seu projeto de estudo e musealização, “seria um dispositivo social de formalização e de controlo de movimentação de pessoas e coisas em torno duma arena cenográfica. Este recinto, interligado com outros lugares, teria sido um recetáculo transitório de artefactos e pessoas, que circulariam num território social preciso” (Lopes, 2020, p. 20). Aliás, segundo a mesma autora, “recintos, como Castelo Velho, seriam polos de poder inseridos em redes cenográficas, que geravam, por sua vez, novos cenários e reproduziam sistemas de cenários, capturando, do ponto de vista

identitário, toda a paisagem envolvente. O recinto “viveria da urdidura duma teia de lugares ligados em rede”. A noção de “rede” substituiu a noção de “centro” (Lopes, 2020, p. 20). Este local, com mais de 30 anos de investigação e inúmeras publicações, é apenas um de muitos exemplos espalhados pela Península Ibérica, entre os quais se destacam o Crasto de Palheiros (Murça) (Pinto, 2011), Escoural (Montemor-o-Novo), Vila Nova de S. Pedro (Azambuja), Zambujal (Torres Novas) (Ferreira, 2003), entre outros (Vale, 2019).

A importância deste tipo de monumentos centra-se, essencialmente, no seu caráter de assembleia e “como lugares de congregação (de seres humanos, não humanos e coisas), acentuado os tempos de duração, sazonalidade e tempo cíclico e as múltiplas escalas de monumentalização da paisagem” (Vale, 2019, p. 331).

Ainda que a área em estudo seja reduzida, as interpretações tecidas são fundamentadas pela própria implantação do sítio na paisagem, as estruturas identificadas e o espólio arqueológico exumado. Como tal, estas evidências levam-nos a crer que estamos perante uma colina monumentalizada, a primeira identificada no concelho.

Não obstante, Penafiel é também conhecido pelos seus monumentos megalíticos (Leal, 1987-1988) que, segundo V. Oliveira Jorge, perfazem um total de 45 (Jorge, 1983, p. 520). Destes monumentos, destaca-se o menir de Luzim (Aguiar e Santos Júnior, 1940), que, em linha reta, fica a uma distância de cerca de 2500m da Rua do Crasto, em Abragão.

Para além de questões territoriais, de paisagem e arquitetura, importará também, tecer paralelos entre os materiais cerâmicos e líticos encontrados na Rua do Crasto com outras realidades semelhantes. Assim, destaca-se a cerâmica de tipo Penha, decoração a que algum do material cerâmico por nós exumado se assemelha. Tal como acontece em Vinha de Soutilha, São Lourenço, Pastoria e Castelo de Aguiar, os fragmentos cerâmicos identificados em Abragão, para além dos motivos incisos e espinhados, apresentam (alguns deles) caneluras, normalmente associadas a este tipo de cerâmica. Curiosamente, da amostra que foi possível recolher nas concisas sondagens efetuadas, grande parte das cerâmicas apresentam decoração, podendo ser interpretado como mais um dado para a importância deste local.

De acordo com Susana Jorge, “as cerâmicas decoradas do Norte de Portugal de tipo Mairos/Penha e Rapa/Vimioso (para utilizarmos expressões clássicas) são, globalmente, calcolíticas, mas que a sua filiação cultural é múltipla e complexa” (Jorge, 1986, p. 23).

Neste sentido, os materiais encontrados no sítio aqui em análise apontam para uma cronologia da pré-história recente, mais concretamente o calcolítico.

Será também importante referir que não é apenas no Norte do país que esta cerâmica se encontra associadas a este tipo de recintos monumentais. Também no sítio da Malhada e no de Fraga da Pena, em Fornos de Algodres, Guarda, é possível encontrar paralelos deste típico de decoração na cerâmica: “Tratam-se de decorações à base de impressões de pares de unguiações, realizadas provavelmente com as unhas do polegar e do indicador. Nos recipientes mais completos, que permitem uma leitura mais global da decoração, estes pares de unguiações distribuem-se de forma abrangente por todo o exterior dos vasos e de maneira aparentemente não estruturada, visando apenas preencher de forma homogénea o espaço disponível” (Valera, 2007, p. 236).

Para ser possível obter mais dados sobre esta questão, seria importante realizar um estudo mais aprofundado do material cerâmico recolhido, acrescentando as tipologias de forma e tipo de pasta. O mesmo acontece com o material lítico, que, infelizmente, devido às matrizes dos trabalhos de arqueologia de emergência, ainda não nos foi possível realizar.

Em suma, embora o seu número tenha aumentado nos últimos anos, estes e outros locais de índole semelhante são extremamente difíceis de identificar em contextos de arqueologia de emergência, principalmente considerando todas as vicissitudes deste caso particular. Ainda assim, será importante não terminar por aqui a investigação.

Por outro lado, o exercício da investigação arqueológica e, em particular, os estudos de cronologias mais antigas sofrem de um problema central: o reduzido número de dados recolhidos em terreno. O simples acaso de este local ter sido alvo de uma empreitada permitiu a leitura e criação de um novo capítulo na narrativa histórica (e pré-histórica) do concelho de Penafiel.

Deixamos duas citações da autora, essenciais no que à pré-história recente diz respeito, mas que, em toda a linha, se aplicam ao caso particular aqui em estudo, mas também para todos os futuros trabalhos realizados dentro destes contextos:

“O passado é, afinal, um produto da nossa imaginação, que tem como ponto de apoio um conjunto de observações feitas no terreno, e procura ‘dar conta’ (sem que nunca se esgote) do conjunto dessas observações, em permanente reequacionamento. O amadurecimento da imaginação, que se alimenta de observações, mas também de projecções a partir do observado, não caminha no sentido da verdade, de presentificação de qualquer passado, mas no sentido da simulação, isto é, do jogo com as diferentes variáveis ao dispor a cada momento [...]” (Jorge, 1994, p. 499).

“Como é óbvio só se encontra o que se quer encontrar. Sem esse desejo trabalhado, passa-se por cima do relevante tomando-o como acessório ou mesmo inexistente” (Lopes, 2020, p. 20)

4. Conclusão

No sentido de fazer cumprir a medida minimizadora de um projeto em incumprimento, situado na Rua do Crasto, na freguesia de Abragão, procedeu-se à realização de cinco sondagens, das quais duas foram alvo de alargamentos.

Estas revelaram um potencial arqueológico anteriormente desconhecido no concelho de Penafiel, destacando-se a presença de uma estrutura pétreia de dimensões consideráveis, estruturas negativas e materiais cerâmicos e líticos.

Neste sentido, tendo em conta a realidade identificada, consideramos que estamos perante um local indubitavelmente balizado na pré-história recente. Tanto a sua localização no espaço como as arquiteturas aparentemente rudimentares e com pouco sentido prático apresentam elementos que, em associação aos fragmentos cerâmicos e elementos líticos e exumados, permitem, com alguma certeza, confirmar a importância do sítio.

Apesar dos nossos esforços, não nos foi possível identificar contextos semelhantes deste período no concelho de Penafiel. Aliás, durante a reunião em que se decidiu o alargamento das sondagens foi referido o facto de este ser o primeiro local onde foram detetados vestígios desta cronologia.

Por fim, resta-nos apenas ressaltar a importância da continuação da zona de proteção que terá sido confirmada pela presença destes vestígios de elevado valor patrimonial e arqueológico, não só para o concelho de Penafiel, mas também para toda a narrativa da pré-história recente no Norte do país.

Referências bibliográficas

Aguiar, J. M. e Santos Júnior, J. R., 1940. O menir de Luzim (Penafiel). In: Comissão Executiva dos Centenários, 1940. *Congresso do Mundo Português, Lisboa, 1940. Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso da Pré e Proto-história de Portugal (I Congresso)*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários. Secção de Congressos, 1. pp. 207-217.

Câmara Municipal de Penafiel, 2021. *Condicionamento*. [ofício] Ofícios, Divisão de Gestão Urbanística, Processo n.º 829/LI/07, 05.02.2021. Penafiel: Câmara Municipal de Penafiel.

CIGeoE – Centro de Informação Geoespacial do Exército, 2012. Carta Militar de Portugal – Penafiel. *Série M888*, 112, 1:25 000. Lisboa: CIGeoE.

Ferreira, S. D., 2003. Os copos no povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6, 2, pp. 181-228.

Jorge, S. O., 1986. *Povoados da Pré-História Recente da Região de Chaves-Vª Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*. Volume 1. Tese de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Jorge, V. O., 1983. Três dolmens do distrito do Porto. *Arqueologia*, 8, pp. 103-109.

Leal, A. J. C., 1987-1988. O megalitismo no concelho de Penafiel. *Boletim Municipal de Cultura*, 3.ª série, 4/5, p. 50.

Lopes, S. S., 2020. Trinta anos depois: para além do sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão. Recintos murados e deposições da pré-história recente. *Portvgalia*, nova série, 41, pp. 17-36.

Pinto, D. C. B., 2011. *O Crasto de Palheiros na Idade do Ferro. Contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica. Vol. I*. Tese de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Sangmeister, E. e Schubart, H., 1970. Zambujal. Uma fortificação da Idade do Cobre em Portugal. *Revista de Guimarães*, 80 (3-4), pp. 391-400.

Vale, A. M. A., 2019. Possibilidades para pensar a arquitectura dos recintos murados da pré-história recente. In: S. S. Lopes, coord., 2019. *Olhares sobre Castelo Velho de Freixo de Numão: visitar um recinto pré-histórico do Alto Douro português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. pp. 329-355.

Valera, A. C., 2007. *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3.º milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda)*. Fornos de Algodres: Município de Fornos de Algodres/Terras de Algodres – Associação de Promoção do Património de Fornos de Algodres.